

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE038581

ANSELMÍ, Renato. Amaral Lapa conta e reconta a nossa história:
Campinas tem sua vida e memória ligadas ao historiador da
Unicamp. A Tribuna, Campinas, 29 jun. 1997.

Amaral Lapa conta e reconta a nossa história

Campinas tem sua vida e memória ligadas ao historiador da Unicamp

Foto: Waldemar Padovani

RENATO ANSEMI

“A mídia ainda contribui para projetar a imagem da cidade como uma das que mais se aproximam, no Brasil, do padrão de vida do Primeiro Mundo. A cidade é desenhada como uma ilha da fantasia devido aos indicadores nas áreas de saúde, saneamento básico e a presença de indústrias não-poluentes, entre outros. Mas esta imagem não esconde paradoxos como a presença extensiva dos sem-teto e sem-terra, problemas de segurança, a falta de conforto e bem estar”.

A opinião é de um dos nomes mais respeitados da área de História do Brasil, o professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, José Roberto do Amaral Lapa que ainda questiona: “Esta é a cidade que se orgulha de ser Primeiro Mundo?” Depois de estudar temas ligados a vários lugares do País durante a maior parte de sua carreira, Amaral Lapa resolveu voltar a sua preocupação para Campinas: “É a maneira que encontrei de retribuir um pouco, com o meu trabalho, tudo o que a cidade já me ofereceu”, afirma. Sem esconder o seu amor à cidade onde nasceu, Amaral Lapa tem certeza que Campinas tem jeito. Ele acredita na ação de “equipes extraordinárias”, que existem em diferentes áreas, para reverter a situação.

Esta, aliás, não é a primeira vez que a cidade enfrenta sérios problemas de qualidade de vida. Desde o início da organização da sua vida social e urbana até meados do século XIX, Campinas era dominada por

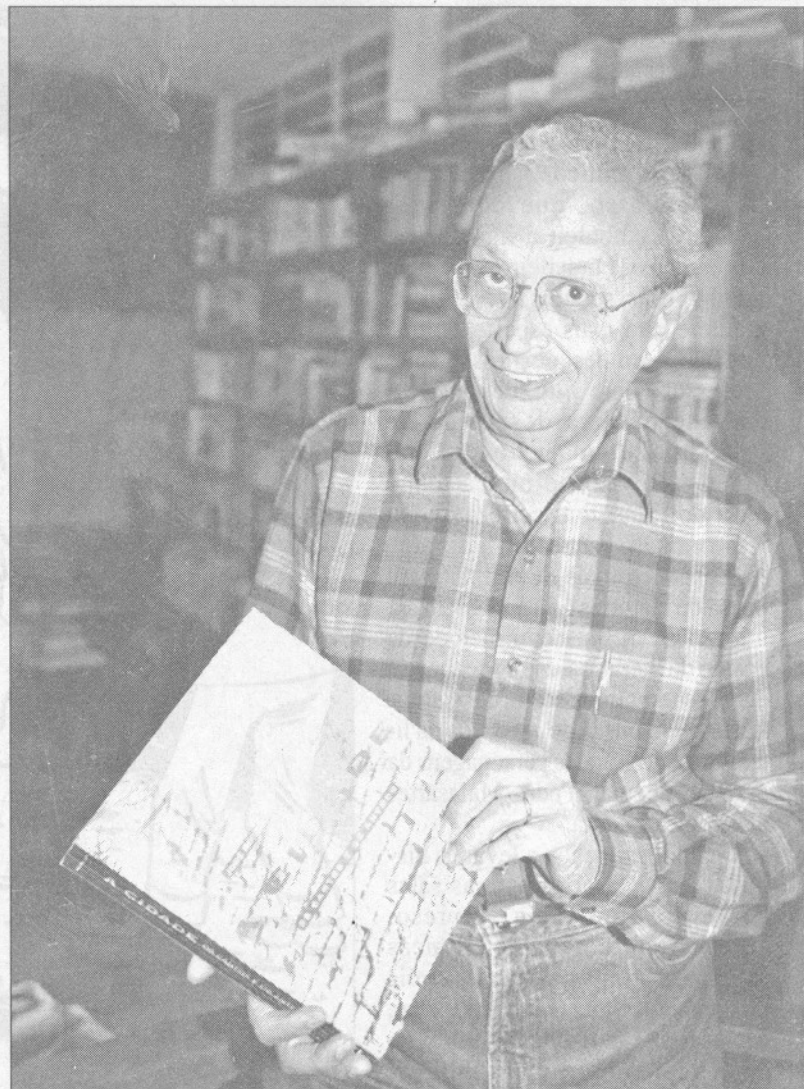
uma aristocracia agrária que acumulou fortunas com a cultura da cana-de-açúcar que não se preocupou em investir em infra-estrutura e melhorias sociais. Amaral Lapa conta que não havia, em 1846, sequer um local adequado para a hospedagem do imperador Dom Pedro II, quando este esteve por aqui.

Princesa D'Oeste?

Entre 1850 e 1900, a situação começou a mudar. Uma nova elite, formada por fazendeiros do café - entre os quais, muitos ex-produtores de cana-de-açúcar - passou a investir no crescimento da cidade que tornava-se moderna. As novidades do Primeiro Mundo, como telefone, gravador, roupas, já faziam parte do seu dia-a-dia. Moradores do Vale do Paraíba batizaram Campinas como “Princesa D'Oeste” devido à sua localização em relação àquela região. Mas nem tudo era tão belo: havia uma cidade de becos, antros e situações que denunciavam desigualdades.

Na Campinas de 1997, a fama de Princesa D'Oeste ainda influencia os seus moradores. Apesar de não haver motivo para orgulhar-se deste título, Amaral Lapa garante que a situação já foi bem pior. “A cidade tinha, no século passado, muitas pessoas arrogantes, fechadas. Atualmente apenas algumas famílias ainda alimentam esse antigo orgulho”, compara ele.

No livro *A Cidade, os Cantos e os Antros* (Edusp, 1996) - o primeiro dele sobre Campinas -, Amaral Lapa descreve o período - entre 1850 e 1900 - em que a cidade decolou rumo ao progresso sem, no entanto, cuidar de seus



□ Amaral Lapa quer, com os seus livros, revelar o amor à cidade

problemas sociais. A mesma elite que vangloriava-se morar na Princesa D'Oeste, tentava ocultar os lugares e as situações que denunciavam as diferenças sociais. “O processo de modernização, naquele período, só foi interrompido entre 1889 a 1897, devido a epi-

demias da febre amarela”, observa o professor da Unicamp que está agora estudando a história de Campinas até 1930. “Essa pesquisa começou no ano passado e vai demorar mais três ou quatro anos. Mas o trabalho deverá virar novo livro”, informa Amaral Lapa.